



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO (ILC)
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO DE GOIÁS (IFG)
CAMPUS URUAÇU
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (PPGL)
GRUPO DE ESTUDOS BENEDITO NUNES (GEBN/CNPq/UFPA)**



CADERNO DE RESUMOS

CONFERÊNCIAS DE ABERTURA E ENCERRAMENTO DO COLÓQUIO NO CENTENÁRIO DE MORTE DE INGLEZ DE SOUZA

INGLEZ DE SOUZA E *O CORONEL SANGRADO* NAS PÁGINAS DOS JORNAIS PAULISTAS

Marcela Ferreira Matos (IFG/CNPq)

Pretende-se apresentar um panorama das publicações de Inglez de Souza nos periódicos de Santos e São Paulo, entre os anos de 1877 e 1882, com foco nas notícias sobre a publicação do romance *O coronel sangrado*. O nome do autor paraense aparece nas Histórias Literárias Brasileiras ao lado de Aluísio Azevedo. Isso porque o romance *O coronel sangrado* é conhecido por preceder em quatro anos a publicação do primeiro romance naturalista brasileiro, *O mulato*, de 1881. No entanto, no século XIX, o nome do romance não é citado pelos críticos. Na verdade, *O coronel sangrado* só foi publicado em livro e na íntegra, no ano de 1882, ou seja, não antecipa as características naturalistas em sua tessitura. A pesquisa nos jornais tenta trazer à luz os detalhes dessa publicação, detalhes esses que são importantes para a compreensão da real História Literária Brasileira. Além disso, tenta-se compreender qual o circuito literário e as leituras feitas pelo escritor paraense durante sua passagem por São Paulo e percebe-se claramente que, mesmo seu livro não antecipando o Naturalismo no Brasil, o literato do Pará teve contato com destacados representantes desse movimento, como Émile Zola.

Palavras-Chave: Inglez de Souza. *O coronel sangrado*. Imprensa, Crítica.

ANOTAÇÕES SOBRE A OBRA DE INGLEZ DE SOUZA

Paulo José Maués Corrêa (PPGL/UFGA)

Resumo: Nas últimas três décadas, a recepção da obra de Inglez de Souza, escritor fundamental para o estudo da Literatura Brasileira, em especial da produzida na e sobre a Amazônia, teve significativo impulso com a reedição dos livros do autor e um aumento na produção de pesquisas a respeito de sua escritura. Nesse sentido, o presente estudo se propõe a avaliar o panorama mais recente da recepção crítica da obra de Inglez de Souza, bem como apontar os elementos significativos encontrados ao longo de mais de 20 anos de pesquisa sobre o autor de *O cacaulista* (1876), *História*

de um pescador (1876), *O coronel sangrado* (1877), *O missionário* (1888) e *Contos amazônicos* (1893).

Palavras-Chave: Inglez de Souza. Recepção. Interfaces.

MESAS REDONDAS DO COLÓQUIO NO CENTENÁRIO DE MORTE DE INGLEZ DE SOUZA

MESA REDONDA 1:

LUIZ DOLZANI EM NOTÍCIAS DE JORNAL

Germana Maria Araújo Sales (PPGL/UFPA)

Resumo: O romancista Herculano Marcos Inglez de Souza, nascido em Óbidos, no estado Pará, em 28 de dezembro de 1853, inscreveu seu nome na literatura com o pseudônimo Luiz Dolzani, com o qual assinou as seguintes obras: *O cacaulista* (1876), *História de um pescador* (1876), *O coronel sangrado* (1882) e *O missionário* (1888). Assim sendo, esta comunicação trata das notícias veiculadas sobre Luiz Dolzani na imprensa, em diferentes periódicos, como o *Correio Paulistano* (SP); *O Paiz* (RJ); *Correio da manhã* (RJ); *Gazeta de notícias* (RJ); entre outros jornais de ampla circulação no Brasil.

Palavras-Chave: Literatura. Imprensa. História Literária. Amazônia.

O CELIBATO CLERICAL NA LITERATURA LUSÓFONA PÓS-ALEXANDRE HERCULANO E EÇA DE QUEIRÓS: O LUGAR DO ROMANCE *O MISSIONÁRIO* DE INGLEZ DE SOUZA

Hugo Lenes Menezes (IFPI)

Resumo: Na arte verbal lusófona, constatamos um longo tempo em que o celibato clerical constitui importante tema do debate da época. Referimo-nos aos Oitocentos, com dois períodos estilísticos, Romantismo e Realismo-Naturalismo, e aos inícios dos Novecentos. Em Portugal, o romântico Alexandre Herculano traz à baila a questão em *Eurico, o presbítero* (1844), integrante, juntamente a *O monge de Cister* (1848), do *Monasticon*, título geral que seu autor atribui ao ciclo de romances (que afinal fica em

díptico) acerca da insubmissão das paixões humanas às convenções sociais, especificamente, a da disciplina eclesiástica, tratada ali à luz do sentimento. No Brasil, verificamos semelhante tema em romances românticos como *O seminarista* (1872), de Bernardo Guimarães, e *Ex-homem* (1877), publicação inacabada de José de Alencar. Em terras lusas, tal celibato é retomado em romances como *O crime do padre Amaro* (1875), de Eça de Queirós, sob a doutrina do movimento cultural subsequente, e *Sexo forte* (1917), de Samuel Maia, nas novas tendências realistas e nos antecedentes do Neorrealismo. Entre nós, em meio às produções realista-naturalistas que estampam a mesma problemática, destacamos um romance de Inglez de Souza, *O missionário* (1888), cujo lugar na lusofonia pós-Alexandre Herculano e Eça de Queirós, objetivamos enfocar no presente trabalho.

Palavras-Chave: Literatura luso-brasileira. Romantismo. Realismo-Naturalismo. Celibato clerical. Inglez de Souza.

**A LITERATURA NA AMAZÔNIA:
A RECEPÇÃO CRÍTICA DA OBRA DE INGLEZ DE SOUZA
NOS SÉCULOS XX e XXI**

Maria de Fatima do Nascimento (PPGL/UFPA)

RESUMO: Inglez de Souza (1853-1918) exerce importante papel na literatura produzida na Amazônia brasileira, haja vista que veio a ser considerado o grande romancista naturalista dessa região, quando os primeiros estudiosos o reconheceram como tal, a exemplo de José Veríssimo, seu conterrâneo, no livro *Estudos de literatura brasileira* (1903), no qual analisa o romance *O missionário* (1888), do autor em foco, no momento em que foi publicada a 2ª edição da obra em 1891, considerando-a "um dos melhores" livros de prosa de ficção brasileira de então. À altura dessa crítica, nosso romancista e contista, que em 6 de setembro de 2018 completa centenário de falecimento, já havia publicado todas suas criações ficcionais, em número de cinco, quais sejam: *O cacaulista* (1876), *História de um pescador: cenas da vida do Amazonas* (1876), *O coronel sangrado* (1882) e *O missionário* (1888), romances sob o pseudônimo de Luiz Dolzani. Inglez de Souza publica ainda o livro *Contos amazônicos* em 1893. Assim sendo, o objetivo do presente trabalho é demonstrar a recepção crítica do primeiro romancista da Amazônia paraense, por meio das principais Histórias Literárias Brasileiras do século XX, bem como de estudos de críticos do Pará (José Veríssimo, Eustachio Azevedo, Benedito Nunes) e de outros estados do País, a exemplo de Marcela Ferreira Matos, já no século XXI.

Palavras-Chave: Inglez de Souza. Crítica literária. Romance do século XIX. Recepção literária.

MESA REDONDA 2:**INGLEZ DE SOUZA E O CONTO *VOLUNTÁRIO*:
PENDENGAS COM JOSÉ VERÍSSIMO?****Marlí Tereza Furtado** (PPGL/UFPA)

Resumo: Inglez de Souza (1853/1918), nascido em Óbidos (PA), projetou-se na vida política e literária para além de seu estado de origem. Até sua morte, no Rio de Janeiro (RJ), atuou no direito, no magistério, na política, na literatura e no jornalismo. Deixou um legado de obras jurídicas e outro de obras ficcionais que, num primeiro momento, subintitulou de *Cenas da vida do Amazonas*. Seu último livro ficcional, *Contos amazônicos*, publicado em 1893, se abre com o conto "Voluntário", título coincidentemente próximo ao conto de seu conterrâneo José Veríssimo (1857-1916), "O voluntário da pátria", que integra o livro *Cenas da vida amazônica*, publicado em 1886. Diante de tal coincidência, o trabalho objetiva discutir o conto "Voluntário", em comparação com o conto do livro de José Veríssimo, publicado sete anos antes. Entre aproximações e dissonâncias, discutiremos a importância dos autores na história da literatura sobre a Amazônia.

Palavras-Chave: Inglez de Souza. *Contos amazônicos*. Voluntário. José Veríssimo.

PROCESSO FORMATIVO E AUTURAL EM INGLEZ DE SOUZA**Gabriel Arcanjo Santos de Albuquerque** (PPGL/PPGSCA/UFAM)

Resumo: A obra de Inglez de Souza conta com vasta apreciação crítica, em que se destacam três vertentes: 1) ter sido ou não o autor o introduzir do Naturalismo no Brasil; 2) o lugar desse autor no cânone literário brasileiro; 3) os cenários amazônicos como espaço de realização literária. Nessas três vertentes, pouco, ou quase nada, se considera sobre o modo como ocorreu o processo de construção de sua *persona* literária, o que permite reflexão a respeito dos temas que lhe valeram o reconhecimento (os cenários amazônicos) e o período em que, de fato, teria vivido uma experiência fundante dos temas com os quais trabalha em romances e contos. Em outras palavras: em 1864, o autor muda-se para o Maranhão a fim de completar os estudos primários no colégio Sotero dos Reis e, em 1867, vai para o Rio de Janeiro fazer o secundário no colégio Perseverança. A partir daí, viverá entre o Recife, São Paulo e Espírito Santo, vindo a falecer no Rio de Janeiro em 1918. Considerando o tempo em que viveu em Óbidos (PA), apenas onze anos, Inglez de Souza foi capaz de criar um conjunto de narrativas às quais se reputa rigor descritivo e científico comuns

ao Naturalismo. Porém, que papel assume o lugar da memória nesse conjunto de narrativas? Por viver boa parte do tempo longe da Amazônia, como teria o autor operado com o devaneio que leva, necessariamente, ao campo da escrita de ficção? Por fim, quais os limites transpostos por Inglez de Souza para fixar-se como um dos primeiros autores amazônicos a figurar no cenário da literatura brasileira? Estas são algumas questões que essa comunicação deseja considerar.

Palavras-Chave: Inglez de Souza. Processo formativo. Naturalismo. Cânone literário.

MESA REDONDA 3:

A MULHER-MEDUSA NO CONTO INGLESIANO

Tânia Maria Pereira Sarmiento-Pantoja (PPGL/UFPA/CNPQ)

Resumo: Nos estudos de mitopoética e de literatura, a medusa ganha especial atenção no estabelecimento do campo do medo. Em uma ampla tradição clássica, Medusa é medo, é morte, mas, antes, é a história de uma vítima do desengano amoroso, condenada ao total banimento. É também o monstro ora possuído, ora decapitado. Contudo, dois textos modernos, os ensaios "A cabeça da medusa", de Sigmund Freud, e "The Laugh of the Medusa", de Hélène Cixous, possibilitam olhar para a medusa na chave analítica sobre o falocentrismo: seja pela proposta imbuída no conceito de castração em Freud (e Lacan), seja por investir na potencial resistência à tradição falocêntrica, no ensaio de Cixous. Considerando essa trajetória do mito, propomos apresentar um estudo das cintilações medusianas no conto inglesiano. A hipótese a ser desenvolvida é a de que Inglez de Souza apresenta em alguns de seus contos a mulher-medusa, uma personagem que, por sua constituição medusiana, dialoga com o mito na sua dimensão clássica e que, ainda que temporalmente distante das discussões modernas e escorregando na teia das teses naturalistas, consegue também pontuar uma certa dimensão falocêntrica trazida ao texto.

Palavras-Chave: Inglez de Souza. Conto. Mulher-Medusa. Falocentrismo.

INGLEZ DE SOUZA POR JOSÉ VERÍSSIMO: UMA QUASE AUSÊNCIA

Aline Costa da Silva (PPGL/UFPA)

Resumo: “José Veríssimo, um paraense, seria hoje desconhecido se não tivesse a lembrança de sahir do Pará para sagrar-se escriptor no Rio de Janeiro; com Inglez de Souza, outro paraense, o mesmo succederia, e assim por deante”. As palavras de Estachio de Azevedo (1904, p. 1-2) explicitam o que considera decisivo à consagração dos dois escritores: sair da Amazônia para os centros intelectuais do Brasil no séc. XIX. Desde então, analisadas sob a perspectiva da teoria de Jauss (1994[1967]), suas obras são atualizadas pelas respectivas recepções, como Ferreira (2015), Hollanda (1952), Grieco (1930), recepções essas que destacam os desencontros e a ausência, quando se trata de José Veríssimo, da presença do autor de *O missionário* (1888) na História da Literatura Brasileira. Assim, objetivamos discutir duas questões: a primeira, relativa ao reconhecimento da obra dos dois escritores no advento de suas mudanças para o que se considerava o centro intelectual do país; e a segunda, a qual trata da crítica sobre o romance *O missionário*, em *Estudos brasileiros* (1903), o que revela como o crítico pensou acerca do romance de Inglez de Souza: “um dos melhores, ao meu parecer, da nossa ficção em prosa”, ainda que, por seus critérios, José Veríssimo não o tenha incluído em sua historiografia literária.

Palavras-chave: Inglez de Souza. José Veríssimo. Crítica. Recepção

HISTÓRIAS PARA INGLÊS VER: CONTOS DE RESISTÊNCIA E OPRESSÃO

Carlos Augusto Nascimento Sarmento-Pantoja (PPGL/UFPA)

RESUMO: No século XIX, em meio à literatura naturalista brasileira, verificamos casos de manifestação de exacerbados desejos e de violência. Assim sendo, na comunicação que ora propomos, temos por objetivo analisar, do livro *Contos amazônicos* (1893), do paraense Inglês de Sousa, duas narrativas basilares para compreendermos melhor como o Naturalismo evidencia muito bem os conflitos em torno das populações locais. Para tanto, serão visitados os contos “A quadrilha de Jacó Patacho” e “Baile do Judeu”, enquanto expressão de relações autoritárias e opressivas, as quais expõem, na nossa arte verbal dos Oitocentos, a violência contra a mulher e contra o colono.

Palavras-Chave: Inglez de Souza. Violência e Opressão. Colono. Mulher.

MESA REDONDA 4:

INGLEZ DE SOUZA: NARRADOR DE CASOS AMAZÔNICOS

Marinilce Oliveira Coelho (Escola de Aplicação/UFGA)

Resumo: Herculano Marcos Inglez de Souza (1853-1918) é um dos mais importantes escritores nacionais do século XIX. Contemporâneo de Aluísio Azevedo, Adolfo Caminha, Visconde de Taunay, Franklin Távora e José Veríssimo, escreveu contos e romances sem qualquer traço romântico, ou seja, longe das idealizações, da harmonia social. De um estilo "sombrio e meticuloso" (BOSI, 1990), descreveu a paisagem amazônica como um mundo cheio de mistérios e dramas. No conjunto de sua obra literária, esse autor paraense volta-se para uma linguagem impessoal, objetiva, com vistas à atmosfera cientificista e determinista que predominava na literatura daquele período. Assim, o presente trabalho tem por objetivo identificar a figura feminina, em especial a materna, no conto "Voluntário" (*Contos amazônicos*, 1893), no qual o leitor depara com a solidão dos habitantes dos recônditos lugares da Amazônia, em pleno recrutamento de jovens rapazes para lutarem na guerra entre o Brasil e o Paraguai (1864-1870). Tal situação de abandono social se vincula, aqui, à leitura histórica da vida e dos acontecimentos da região amazônica.

Palavras-chave: Literatura. Conto. História. Amazônia.

A REPRESENTAÇÃO DA AMAZÔNIA NA OBRA DE INGLEZ DE SOUZA: UMA LEITURA NARRATOLÓGICA

José Francisco da Silva Queiroz (PPGL/UFGA)

Resumo: A obra ficcional de Herculano Marcos Inglez de Souza (1853 – 1918) tem sido, em geral, lida a partir da perspectiva mimética platônica: a "imitação da realidade". Assim, os trabalhos interpretativos têm focalizado o material sociológico, mítico e político constitutivo de sua organização narrativa. Quando não, o destaque da crítica acadêmica colocou em questão a precedência da produção narrativa de Inglez de Souza quanto à introdução da estética do Realismo-Naturalismo no Brasil. Para além dessas referências interpretativas, propomos uma investigação narratológica que reafirma a invenção fictícia nos romances e nos contos do autor paraense por meio das categorias do tipo de narrador, leitor fictício e ponto de vista (SCHMID, 2010). Considerando as ferramentas teóricas narratológicas, afirmamos outra posição

mimética que, segundo Aristóteles, explora tanto sua capacidade de “representação da realidade” quanto o caráter cognitivo da ficção. O mundo amazônico presente na obra literária inglesiana poderá então assumir completa autonomia como “mundo narrado” e artefato estético, dispensando a identificação completa com a história e a fronteira entre a narrativa factual e a narrativa ficcional (GENETTE, 1990).

Palavras-chave: Narratologia. Amazônia. Mimesis.

**AS FOLHAS PÚBLICAS ÀS PÁGINAS OFICIAIS:
OS ARQUIVOS DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (ABL)
SOBRE INGLEZ DE SOUZA**

Valdiney Valente Lobato de Castro (ESTACIO FAMAP)

Resumo: Em 1897, pela fundação da Academia Brasileira de Letras (ABL), Inglez de Souza foi empossado como tesoureiro, cargo que ocupou por dez anos. Se as cartas que restaram de Machado de Assis – o primeiro presidente – não revelam aproximação entre os dois autores e as atas das assembleias fornecem dados apenas da tarefa que o escritor paraense exercia, os arquivos recolhidos pela Instituição sobre Inglez de Souza revelam uma grande quantidade de recortes de jornais publicados em periódicos de diferentes partes do país. Grande parte dessas folhas datam do período em que o escritor ainda era vivo; outras, de setembro de 1918, quando morreu, e o restante são publicações esparsas, recolhidas aleatoriamente pela Academia. A proposta dessa pesquisa é, a princípio, reunir essas publicações para integrar com algumas já anteriormente reunidas. Em seguida, pretende-se analisá-las à luz da fortuna crítica construída sobre a obra do autor e, posteriormente, organizar uma publicação.

Palavras-Chave: Inglez de Souza. Arquivo. Academia. Fortuna Crítica.

PARTICIPANTES DAS SESSÕES DE COMUNICAÇÃO DO COLÓQUIO NO CENTENÁRIO DE MORTE DE INGLEZ DE SOUZA

A UNIDADE FICCIONAL DOS *CONTOS AMAZÔNICOS* DE INGLEZ DE SOUZA

Alex Santos Moreira (PPGL/UFPA)

A coletânea *Contos amazônicos* (1893) é a última obra de ficção do paraense Inglez de Souza (1853-1918). Esse conjunto de contos movimenta-se entre histórias cujo foco é o sobrenatural e histórias nas quais prevalece a crítica à exploração do homem pelo homem, à violência dos mais fortes sobre os mais fracos e as consequências do imaginário dos habitantes do interior da Amazônia com todos os seus problemas sociais. A tessitura dessa obra de Inglez de Souza, por meio de conectores da narrativa, apresenta narradores interligados que fazem o revezamento na contação das histórias. Contudo, o funcionamento da obra é articulado por um narrador central, cuja principal característica é pertencer ao mundo letrado, distinguindo-se de outros narradores pertencentes à tradição popular amazônica. Dito isso, o presente trabalho objetiva evidenciar a unidade ficcional dos *Contos amazônicos* como uma contundente crítica à realidade de abandono, violência e miséria do homem amazônico no século XIX.

Palavras-chave: *Contos amazônicos*. Inglez de Souza. Unidade ficcional. Literatura amazônica.

A REPRESENTAÇÃO DO CENÁRIO AMAZÔNICO EM INGLEZ DE SOUZA: VIVÊNCIAS E ESTÉTICA NATURALISTA

Élen Mariana maia Lisbôa (UFPA)
Marcos Valério Lima Reis (UNAMA)

O estudo da obra de Inglez de Souza permite que o leitor visualize a representação de um cenário amazônico construindo pelas personagens, bem como pelas estruturas sociais e históricas que as movem. Ao transitar pela perspectiva dos princípios da teoria e crítica literária, consideram-se os registros narrativos relevantes para a observação das vivências históricas, culturais, sociais, além de servirem de base importante para o estudo da estética naturalista. Assim sendo, o objetivo do presente estudo é analisar o cenário amazônico em trechos das obras *O missionário* (1888) e *Contos amazônicos* (1893), de Inglez de Souza, e as influências dele nas vivências das personagens, tendo

por base a estética naturalista. Estudos como de Nunes (2003), Leite (2002), Le Goff (1994) e Bosi (1999) auxiliam a percepção durante a leitura e as contribuições da literatura como instrumento que remonta à mentalidade de um determinado período histórico. O aspecto social, sendo refletido na literatura, faz com que as narrativas tragam o potencial do imaginário amazônico a partir das imagens mostradas em seu universo ficcional. A produção literária de Inglez de Souza convida o leitor a caminhar por trilhas de um cenário amazônico repleto de narrativas que desenham relações sociais, históricas, culturais e políticas no meio da floresta.

Palavras-chave: Cenário. Vivências. Inglez de Souza. Naturalismo.

HISTORICIDADE NOS CONTOS
VOLUNTÁRIO E A QUADRILHA DE JACOB PATACHO
DE INGLEZ DE SOUZA

Elisangela Ribeiro de Oliveira (PPGL/UFGA)

Resumo: Esta comunicação tem o propósito de discutir a historicidade nos contos de Inglez de Souza (1853-1918) "Voluntário" e "A quadrilha de Jacob Patacho", da obra *Contos amazônicos* (1893). Verifica-se nessas duas narrativas que alguns episódios históricos referentes à Guerra do Paraguai (1864-1870) e à Cabanagem (1835-1840) foram reelaborados de forma a delinear-se na Amazônia uma tradição em que história e ficção são forças que interagem. O conto "Voluntário" traz à baila o recrutamento forçado da personagem Pedro, pescador bondoso e admirado da região de Alenquer, para o destacamento brasileiro na Guerra do Paraguai; já a narrativa "A quadrilha de Jacob Patacho" ficcionaliza a invasão e extermínio de membros da família de Félix Salvaterra às margens do rio Tapajós, como se tal ato fosse praticado por remanescentes da Guerra dos Cabanos. Com base nos estudos de teóricos, a exemplo de György Lukács (2011) e Benedito Nunes (2012), bem como da análise dos contos, apontaremos algumas questões em que a íntima relação da história com a ficção revela a humanidade, sobretudo o que lhe é característico. Isto porque as famílias perdem a tranquilidade de seu lar nas duas narrativas, que expõem a condição de vulnerabilidade das comunidades ribeirinhas, tendo um narrador atento e sensível aos acontecimentos, mas impotente para mudá-los.

Palavras-chave: Conto. Inglez de Souza. Historicidade. Voluntário. A quadrilha de Jacob Patacho

**A SEQUÊNCIA BÁSICA A PARTIR DO CONTO *AMOR DE MARIA*
DE INGLEZ DE SOUZA:
RESULTADOS E PERSPECTIVAS**

Flávio Jorge de Sousa Leal (UFPA/CAPES)

O presente trabalho tem por objetivo apresentar os bons resultados da aplicação de uma sequência básica desenvolvida por Cosson (2014) do conto "Amor de Maria", de Inglez de Souza, em uma turma do primeiro ano do Ensino Médio, turno vespertino, em uma escola da rede estadual do Pará, na cidade de Santa Luzia, ao nordeste do Pará. A referida sequência configura quatro momentos cruciais, a saber: motivação, introdução, leitura e interpretação, os quais foram planejados e postos em prática. Posteriormente, analisou-se os resultados do trabalho com base na participação dos alunos durante o desenvolvimento da proposta, bem como por meio da análise de um questionário dirigido aos discentes no término do trabalho. Nesse sentido, fez-se uso de uma pesquisa de campo, bem assim de uma análise qualitativa e quantitativa dos dados obtidos. Essa pesquisa ancora-se, além do autor já citado, em Candido (1995), Dalvi (2013), Franco (2005), Rezende (2013) e Zilberman (2014), os quais postulam, de maneira geral, sobre a importância do método no trabalho com a pesquisa e o ensino, como também sobre a necessidade de a leitura literária na escola ser um evento efetivamente capaz de formar leitores do texto literário.

Palavras-chave: Conto. Inglez de Souza. Sequência básica. Ensino.

**INGLEZ DE SOUZA E JOSÉ VERÍSSIMO:
ENTRE O SÍMBOLO E A ALEGORIA BENJAMINIANA**

Josiclei de Souza Santos (PPGL/UFPA)
Tatiana Cavalcante Fabem (UFPA)

Resumo: A consciência histórica moderna, que mostra a realidade como capaz de perecer e de se transformar, fez Walter Benjamin pensar o conceito de alegoria para entender a relação entre a racionalidade transformadora do mundo moderno e o desejo da manutenção de laços e símbolos culturais da tradição. O surgimento da Literatura enquanto manifestação estética da palavra já é um sinal dessa modernidade. Mas, na Amazônia, temos dois autores que vão explorar as narrativas orais ligadas à tradição popular ribeirinha, transportando-as para o espaço moderno do campo literário, José Veríssimo e Inglez de Souza. Eles, em seus contos, trabalham com materiais comuns à realidade interiorana amazônica, no entanto com duas atitudes diferenciadas em relação a esses materiais. A obra *Cenas da vida amazônica*, de

Veríssimo, possui um olhar alegórico, que já mostra uma perspectiva modernizante em relação aos conteúdos narrados. Já nos *Contos amazônicos*, de Inglez de Souza, temos ainda presente o Símbolo, algumas vezes até mesmo desafiando o olhar que racionaliza a realidade, fazendo predominar o estranho e até mesmo o maravilhoso. Portanto, este trabalho busca, à luz da leitura benjaminiana, apontar algumas diferenças entre esses dois autores no que diz respeito à leitura da realidade amazônica.

Palavra-chave: Símbolo. Alegoria. Amazônia. Walter Benjamin. Inglez de Souza.

**A LEITURA LITERÁRIA EM SALA DE AULA:
RELATO DE LEITURA DO CONTO *O ACAUÃ*
DE INGLEZ DE SOUZA**

Maria Dilma de Carvalho Lisboa (UFPA/CAPES)

Nas últimas décadas, intensificaram-se as pesquisas no âmbito do letramento literário. Esses estudos têm demonstrado a fundamental importância da obra literária como mecanismo de formação leitora. Contraditoriamente, porém, no âmbito escolar, o texto literário vem sendo tratado como qualquer outro gênero textual. Geralmente, é transposto aos livros didáticos em fragmentos, o que impossibilita uma leitura realmente significativa e produtiva destes textos. Desvirtuada de seus sentidos e função, a abordagem das obras literárias em sala de aula tem se prestado, muitas vezes, para apenas fornecer material para descrições gramaticais. Assim sendo, neste trabalho, objetivamos discutir algumas questões que envolvem o ensino da leitura literária em sala de aula e propor algumas estratégias que podem ser eficazes para o trabalho com a leitura da obra literária no Ensino Fundamental. Para este estudo, fundamentamo-nos em Zilberman (1991), Lajolo (1993), Dalvi (2013) e Cosson (2014). Após essa reflexão, apresentamos um relato da leitura do conto "O Acauã", de Inglês de Sousa, realizada pela turma do 9º ano, do Ensino Fundamental, em escola municipal de Ananindeua.

Palavras-Chave: Leitura literária. Inglez de Souza. *O acauã*. Ensino Fundamental.

**AS IMAGENS DOS NEGROS EM *CONTOS AMAZÔNICOS*
DE INGLEZ DE SOUZA:
POR UMA LEITURA IDENTITÁRIA**

Mayara Rodrigues (UFPA)

Resumo: Este artigo trabalhará as várias representações das identidades negras no livro *Contos amazônicos* (1893), do autor Inglez de Souza. Sabe-se que o autor amazônico destacou em sua obra a figura negra como em *O cacaulista* (1876) e *O coronel sangrado* (1877), assim como em seu último livro publicado: *Contos amazônicos* (1893). Nele, em especial, será discutido como o autor teceu comentários e construiu as identidades afro-amazônicas das personagens Paulo da Rocha, Pedro, Margarida, Seu João e Manuel, dos contos "O rebelde", "O voluntário", "Amor de Maria" e "A quadrilha de Jacó Patacho", respectivamente, usando, para tanto, os conceitos de identidade defendidos por Lilia Schwarcz (1992) e Zilá Bernd (2011), para entender a identidade como um processo em contínua transformação e construída socialmente. Dessa forma, será usada como metodologia uma leitura crítica, com o objetivo de verificar como essas identidades emergem no cenário realista-naturalista inglesiano. No primeiro momento, será explicada a distribuição do próprio livro, destacando-se as principais personagens. Logo em seguida, serão analisadas as identidades mestiças, visualizadas nos contos "O rebelde", "O voluntário", "Amor de Maria" e "A quadrilha de Jacó Patacho" e, por último, as considerações finais, pontuando a ótica pela qual foram colocadas tais personagens.

Palavras-chave: Inglez de Souza. *Contos amazônicos*. Identidade. Afro-Amazônico.

**DOIS PESCADORES E SUAS HISTÓRIAS ENLAÇADAS
NAS PASSAGENS DOS RIOS DA AMAZÔNIA**

Melissa da Costa Alencar (PPGL/UFPA)

O presente estudo foi resultado do trabalho de pesquisa da coleta de relatos da vida de um pescador, o Sr. Nelson Martins. Na época, era o presidente da Associação dos Usuários da Reserva Extrativista Marinha Caeté-Taperuçu (ASSEREMACATA), da cidade de Bragança. A entrevista foi realizada no dia 19 de novembro de 2009. Na ocasião, um projeto orientado pelo Prof. Dr. José Guilherme Fernandes dos Santos, referente à atividade final da disciplina Estudos de Literatura da Amazônia. A pesquisa não foi divulgada posteriormente. Portanto, seu objetivo visa trabalhar com as duas formas de representação de dois pescadores, no caso, com o personagem José, da *História de um pescador* (Cenas de vida do Amazonas), escrito por Inglez de Souza, em 1876, e reeditado pela Edufpa, em 2007, por sinal, a edição que usaremos como referência. O outro pescador é uma pessoa real, o Sr. Nelson, acima apresentado. Para

isso, iremos comparar as falas dos dois pescadores, nos limites da ficção e da realidade. Quais são as correspondências e as dissonâncias entre eles? Buscamos responder a relação tênue desta antropologia literária.

Palavras-chave: Inglez de Souza. Recepção estética. Antropologia Literária.

ESCUA POÉTICA DAS QUESTÕES EM INGLEZ DE SOUZA

Messias Lisboa Gonçalves (UFPA)

Orientador: Antônio Máximo Ferraz (PPGL/UFPA)

Resumo: É possível cogitar que a valorização, apenas, da textura documental sócio-político-histórica pela crítica foi responsável pelo obscurecimento do lastro estético dos romances *O cacaulista* (1876) e *O coronel sangrado* (1877), de Inglez de Souza. No entanto, é justamente o lastro estético que os mantém vivos. Sendo assim, o objetivo deste estudo foi pesquisar as questões do tempo e da memória postas em obra pelos romances inglesianos. Em diálogo com Henri Bergson, compreendemos que o tempo presente é a rememoração do passado e esses estão permeados um no outro; são indivisíveis, então. O tempo presente já é memória. A partir dessa reflexão, cabe neste estudo uma noção de tempo que se opõe ao tempo controlado pelo relógio, o que possibilitou perceber o tempo enquanto uma questão. Diante disso, lançamo-nos no abismo do pensamento e realizamos uma crítica literária enquanto escuta poética das questões do tempo e da memória. Dessa forma, entendemos que o personagem-questão, Miguel Faria, vive uma experiência com o tempo, que foge àquele cronometrado pelo relógio ou mesmo àquele pensado pela ciência e, no seu tempo, experiencia o tempo humano e poético.

Palavras-chave: Tempo. Memória. Escuta. Romances. Inglez de Souza.

OS CONTOS FOLCLÓRICOS DOS IRMÃOS GRIMM E OS CONTOS DE INGLEZ DE SOUZA: TRADIÇÃO ORAL E LITERATURA UNIVERSAL

Patrícia Cezar da Cruz (UFPA/CAPES)

Resumo: Quem nunca ouviu falar de histórias ditas fantásticas, transmitidas por pessoas interioranas ou cidadinas – narrativas que sobrevivem pela tradição oral?

Esse é o exemplo dos irmãos Jacob e Wilhelm Grimm, de Hanau, na Alemanha. Deve-se a eles o trabalho de recolhimento e divulgação de antigas lendas alemãs, que poderiam ter caído no esquecimento. A existência de seres lendários é digna de ser estudada, tais quais os contos folclóricos. Encontramos na obra do romancista da Amazônia brasileira Inglez de Souza a apreciação do valor das lendas e da identidade cultural de nossa rica região. Deste modo, esta comunicação visa a uma abordagem comparativa dos contos alemães e os contos amazônicos, de modo a apresentar personagens lendários e reais, em épocas, espaços e estórias diferentes, mas todas surpreendentes, podendo abrir os olhos dos receptores a verdades (quase) esquecidas e que serão reavivadas.

Palavras-chave: Grimm. Inglez de Souza. Literatura comparada.

COMISSÃO ORGANIZADORA

Prof^a. Dr^a. Maria de Fatima do Nascimento (PPGL/UFPA)
Prof^a. Dr^a. Marcela Ferreira Matos (IFG)

COMITÊ CIENTÍFICO

Prof. Dr. Gabriel Arcanjo Santos de Albuquerque (PPGL/UFAM)
Prof. Dr. Hugo Lenes Menezes (IFPI)
Prof^a. Dr^a. Marcela Ferreira Matos (IFG)
Prof^a. Dr^a. Maria de Fatima do Nascimento (PPGL/UFPA)
Prof^a. Dr^a. Marinilce Oliveira Coelho (EA/UFPA)

COMISSÃO EXECUTIVA

Prof^a. Me. Aline Costa da Silva (Doutoranda/UFPA)
Prof^a. Me. Elisangela Ribeiro de Oliveira (Doutoranda/UFPA)
Prof. Me. Flávio Jorge de Sousa Leal (Doutorando/UFPA)
Ingrid Luana Lopes Cordeiro (Mestranda/UFPA)
Prof^a. Leliane de Cássia Gonçalves Silva (Mestranda PROFLETRAS/UFPA)
Prof. Me. Melissa da Costa Alencar (Doutoranda/UFPA)

Belém (PA), 14 de setembro de 2018